



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: Severino Francisco
ÁREA: Comunicação

O Pasquim e o humor hoje

A influência de um “nanico” na imprensa e
a situação atual do humor nos meios de comunicação

Vinícius Brasileiro Ramalho Pereira
RA: 2036377/2

Brasília, maio de 2007

Vinícius Brasileiro Ramalho Pereira

O Pasquim e o humor hoje

A influência de um “nanico” na imprensa e
a situação atual do humor nos meios de comunicação

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Prof. Ms. Severino Francisco

Brasília, maio de 2007

Vinícius Brasileiro Ramalho Pereira

O Pasquim e o humor hoje

A influência de um “nanico” na imprensa e
a situação atual do humor nos meios de comunicação

Trabalho apresentado à Faculdade de
Ciências Sociais Aplicadas, como
requisito parcial para a obtenção ao grau
de Bacharel em Comunicação Social -
Habilitação em Jornalismo do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília

Banca Examinadora

Prof. Ms. Severino Francisco
Orientador

Prof. Grad. Marcelo Moura Rodrigues Abadia
Examinador

Prof. Ms. Alexandre Humberto G. Rocha
Examinador

Brasília, maio de 2007

Dedicatória

Dedico a todos os professores que fizeram parte desse curso. Aos amigos, que me deram apoio para conseguir chegar até aqui. Aos inimigos também, que me deram força para superar quem tentava me derrubar. A minha família sempre presente em todos os momentos. A galera do 411, sempre junta e nunca deixando que um desistisse de seus objetivos.

Valeu galera!!!

Agradecimentos

Agradeço a todos que tornaram este trabalho possível. Aos artistas da editoria de arte do jornal *Correio Braziliense* que me ajudaram.

“Aos amigos, tudo; aos inimigos, justiça”. Jornal *Pasquim*

RESUMO

O *Pasquim* foi um jornal que revolucionou a imprensa brasileira nas décadas de 1970 e 1980. Em plena ditadura militar, quando a liberdade de imprensa foi cerceada, o jornal abordava com humor escrito e gráfico temas que até então não se via nas páginas dos grandes jornais brasileiros. Além de enfrentar a ditadura, trazia em suas páginas assuntos que antes eram abominados pelos brasileiros. Nesse período as artes, como um todo, se destacaram, e com o desenho não foi diferente. Foi principalmente com o *Pasquim* que o humor tomou proporções grandiosas e conquistou grande parte da população. Esse jornal influenciou a imprensa e também novos jornalistas-humoristas. O humor gráfico, principalmente com o *Pasquim*, se tornou uma das formas de criticar à sociedade e também de expressar opinião e indignação. Desse modo, a monografia “O *pasquim* e o humor hoje: a influência de um ‘nanico’ na imprensa e a situação atual do humor nos meios de comunicação” trata da influência que o *Pasquim* teve na imprensa brasileira e na formação de novos desenhistas e analisa como está o humor gráfico nos meios de comunicação hoje.

Palavras-chave: *Pasquim*, Humor gráfico,

Sumário

1. Introdução	9
1.2 Objetivo e metodologia	10
2. A imprensa alternativa	15
2.2 O surgimento de um jornal revolucionário	12
2.3 Contexto	18
2.4 O estilo pasquiniano	19
3. A influência do Pasquim na imprensa brasileira	22
3.1 Trecho da entrevista de Leila Diniz para o Pasquim	23
3.2 Trecho da entrevista de Raul Seixas para o <i>Pasquim</i>	24
3.3 Cartuns do <i>Pasquim</i>	22
4. O humor gráfico na atualidade	
5. Conclusão	30
Referências	32

1. Introdução

O *Pasquim* foi o primeiro e mais influente jornal de oposição à ditadura militar no Brasil. A idéia do jornal nasceu no final de 1968 depois de uma reunião entre os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral e o cartunista Jaguar, eles buscavam uma alternativa para substituir o tablóide de humor *A carapuça*, editado por Sérgio Porto (que acabara de falecer). O nome foi sugestão de Jaguar, pois segundo ele, teriam que arrumar outro nome para atacarem o jornal já que, *Pasquim* significa jornal difamador, folheto injurioso.

Com o tempo figuras de destaque na imprensa brasileira, como Ziraldo, Millôr Fernandes, Prósperi, Claudius e Fortuna, se juntaram à equipe inicial, e a primeira edição saiu em 26 de junho de 1969.

De uma tiragem inicial de 20 mil exemplares, que no início parecia exagerada, o tablóide alcançou a marca de mais de 200 mil em seu auge, em meados da década de 1970, se tornando um fenômeno na imprensa brasileira. O *Pasquim* foi se transformando em uma publicação mais politizada à medida que aumentava a repressão do regime, principalmente após a promulgação do Ato institucional número 5. O *Pasquim*, utilizando-se do humor, passou a ser o divulgador da indignação popular.

O jornal contava ainda com a colaboração de nomes como Henfil, Paulo Francis, Ivan Lessa Sérgio Augusto, Ruy Castro e Fausto Wolff. A publicação durou 22 anos e se encerrou no número 1.072 em novembro de 1991

O *Pasquim* foi o grande espelho do humor gráfico brasileiro. Muitos dos novos cartunistas receberam influências do tablóide. Por ter sido tão influente e importante na história do Brasil é interessante analisar como está o humor gráfico atualmente nos meios de comunicação.

1.2 Objetivo e metodologia

O objetivo desse trabalho é, tomando como ponto de partida o jornal *Pasquim*, descobrir como está a utilização do humor gráfico nos meios de comunicação hoje.

O trabalho se propõe a responder as seguintes perguntas:

- Como foi o surgimento dos jornais alternativos na época da ditadura militar no Brasil nas décadas de 1970 e 1980

- O que tornava o *Pasquim* diferente dos demais jornais e a influência desse jornal na grande imprensa brasileira, na vida da população e na formação de novos profissionais.

- O humor gráfico é utilizado nos meios de comunicação de hoje mais ou menos do que na época do *Pasquim* nas décadas de 1970 e 1980

Para responder essas questões foi utilizada a seguinte metodologia:

- Análise do jornal *Pasquim*.
- Foram feitas entrevistas com cartunistas e chargistas que estão em atividade.
- Também foi utilizada pesquisa bibliográfica de autores que estudaram o jornal *Pasquim* e o humor gráfico.

2. A imprensa alternativa

A história da imprensa alternativa ou nanica poderia ser longa, haja vista os vários periódicos que foram criados no período que esta vertente da imprensa proliferou. Trazendo novos procedimentos editoriais, inovação no vocabulário, na paginação e também na linguagem, essa modalidade de jornalismo teve um papel histórico e relevante pela originalidade e pela idéia do “novo”, principalmente na resistência a censura e a repressão política nos anos da ditadura militar brasileira.

Durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, surgiram e desapareceram cerca de 150 jornais, que tinham como linha comum à oposição ferrenha ao regime militar. Ficaram conhecidos como *imprensa alternativa* ou *imprensa nanica*. Segundo Bernardo Kucinski.

A palavra *alternativa* contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de única saída para uma situação difícil; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes e o do desejo das gerações dos anos 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam (Kucinski, 2003, p.13).

Em contraste com a boa vontade da grande imprensa com a ditadura militar, os jornais alternativos cobravam com intensidade a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos, faziam crítica ao modelo econômico e aos bons costumes.

O aparelho militar distinguia os jornais alternativos dos outros, perseguindo-os e submetendo os que julgavam mais importantes a um regime de censura prévia, pois eram considerados inimigos.

Segundo Kucinski havia, basicamente, duas grandes classes de jornais alternativos. Alguns, predominantemente políticos, tinham raízes nos ideais de valorização do nacional e do popular dos anos 1950 e no marxismo vulgarizado dos

meios estudantis nos anos de 1960. Tanto a linguagem dogmática da maioria dos jornais políticos como sua postura recatada, refletiam o marxismo de cunho religioso e os preconceitos morais do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), predominantes durante aquele período.

A outra classe de jornais tinha suas raízes nos movimentos de contracultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo. Rejeitavam a competência do discurso ideológico. Eram mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média. O *Pasquim* detonou um movimento próprio de contracultura, transformando as linguagens do jornalismo e da publicidade, e até a linguagem coloquial.

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade, afirma Kucinski.

Uma aversão àquilo que Weber denominou de “espírito capitalista” foi outro traço acentuado e comum de todos os jornais ao longo do ciclo alternativo. Era algo que se originava do imaginário mesmo das esquerdas e da juventude da época, na sua oposição geral, não só ao regime militar, mas ao próprio capitalismo. Movia-os, ao contrário, um espírito anticapitalista. Recusavam o lucro. Toda acumulação era vista como roubo, identificada com a “acumulação primitiva” referida por Marx. Porém, se havia lucro não contestavam.

2.2 O surgimento de um jornal revolucionário

A origem do *Pasquim* tem como marco o mês de setembro de 1968 com a morte de Sérgio Porto, conhecido também como Stanislaw Ponte Preta. Ele era responsável

pelo jornal *A Carapuça*. Com sua morte, a Distribuidora Imprensa, que editava o jornal, convidou Tarso de Castro para continuar o trabalho de Sérgio Porto. Esse quis saber as opiniões de Sérgio Magalhães Gomes Jaguaribe, o Jaguar e de Sérgio Cabral, que acharam melhor fechar e abrir outro jornal. A eles juntaram-se Claudius e Carlos Prósperi, que ficaram responsáveis pelo projeto gráfico.

Quem sugeriu o nome do jornal foi Jaguar. Dando o nome de *Pasquim* (jornal difamador, folheto injurioso), segundo ele, teriam que arrumar outro nome pejorativo para criticarem o jornal. A equipe da primeira redação foi formada por sete pessoas, os cinco, a secretária Nelma Quadros e um boy, Haroldo Zager, que mais tarde tornou-se diretor de arte do tablóide. O ratinho Sig, um personagem criado por Jaguar e Ivan Lessa para uma propaganda de cerveja, foi nomeado símbolo do *Pasquim*.

O jornal nasceu sob a suspeita de que duraria pouco tempo. Conseguiu manter-se até novembro de 1991, com 1072 números, mais de 22 anos. O primeiro número foi lançado no dia 26 de junho de 1969 com uma tiragem de 14 mil exemplares. Em dois dias esgotou-se, então foi preciso rodar mais 14 mil.



1 - Capa da primeira edição do *Pasquim*

Em novembro de 1970 a redação do *Pasquim* foi presa depois que o semanário publicou uma sátira do quadro de Dom Pedro às margens do Ipiranga, (de autoria de Pedro Américo). Os militares esperavam que o jornal saísse de circulação e seus leitores perdessem o interesse, mas durante o período em que a equipe esteve na cadeia, até fevereiro de 1971, quem editou o *Pasquim* foi Millôr Fernandes (que conseguiu escapar à prisão), com colaborações de Rubem Fonseca, Odete Lara, Chico Buarque, Glauber Rocha e diversos intelectuais cariocas.

As prisões continuaram nos anos posteriores, e na década de 1980, as bancas que vendiam jornais alternativos como o *Pasquim* tornaram-se alvo de atentados a bomba. Alguns dos pontos de venda decidiram não mais vender o jornal, temendo represálias. Era o início do fim para o *Pasquim*.

O jornal ainda conseguiu sobreviver à abertura política de 1985, mesmo com o surgimento de jornais de oposição e de novos conceitos de humor (Reinaldo, Hubert e Cláudio Paiva, que tinham saído do *Pasquim*, fundaram *O Planeta Diário*). Graças aos esforços de Jaguar, o único da equipe que iniciou a publicação a permanecer no *Pasquim*, o tablóide continuou ativo até a década de 1990. A última edição, de número 1.072, saiu em 11 novembro de 1991.

2.3 Contexto

O *Pasquim* nasceu seis meses depois de ser anunciado o Ato Institucional número 5, promulgado por Costa e Silva como reação a reivindicações crescentes da sociedade e que instalava a censura prévia e dava plenos poderes de repressão ao governo. O regime repressivo pós-64 iniciava a sua etapa fascizante: torturas e assassinatos, perseguições, direitos civis cerceados, censura instalada, desmoroamento das formas críticas de expressão cultural. O país vivia a ressaca do AI-5 e a parte da imprensa que não servia as propostas da ditadura militar atravessava

uma fase de aniquilamento e perplexidades. A oposição ao regime, golpeada por cassações de mandatos de parlamentares, suspensões de direitos políticos, inquéritos policiais-militares, prisões e exílios, não sabia como agir. Organizações de esquerda já optavam pela via armada.

No dia 31 de agosto de 1969 (primeiras semanas de existência do *Pasquim*), Costa e Silva é afastado por estar doente e quem assume o poder é uma junta militar formada por três ministros que promulgam uma nova Constituição e mantêm vigente o AI-5.

Em 30 de outubro do mesmo ano, toma posse o general Garrastazu Médici. A fala otimista do novo presidente serviu para ocultar o que foi o período mais repressivo e violento dos governos militares. Enquanto o Brasil era campeão do mundo de futebol e tinha sua atenção desviada pela euforia, a ditadura combatia as guerrilhas anti-ditadura. Divulgando uma imagem de um país feliz, o governo lança *slogans* como “Ninguém segura esse país” ou “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Como não poderia de ser, o *Pasquim* fez uma brincadeira com essas propagandas colocando na capa da edição número 58 a frase “*Pasquim* – ame-o ou deixe-o”.

2.4 O estilo *Pasquiniano*

Segundo José Luiz Braga, o estilo do texto do *Pasquim* foi uma das coisas inovadoras para a imprensa daquela época. O jornal não fazia reportagens, apresentava-se na maioria das vezes com a característica de um espaço para comentários, opiniões, análises.

Os assuntos eram escolhidos com base na atualidade, eram temas de interesse geral. A análise era feita sobre o que acontecia na política, costumes, problemas sociais, economia, espetáculos e artes. Porém não havia uma estrutura que definia qual assunto viria primeiro, não existiam editorias como no caso dos grandes jornais.

Não havendo determinação de páginas por tema, cada parte que redigia o jornal tratava do assunto que seu autor escolhia, ou segundo o acaso da atualidade. Os principais tipos de matérias encontradas no *Pasquim* são: entrevistas (carro-chefe do jornal), artigos (colunas), dicas, participações do leitor e frases-lemas. Os cartuns tinham um enfoque especial.

As entrevistas coletivas com personalidades tornaram-se a atração do jornal. Elas vão de Vinicius de Moraes e Darcy Ribeiro a Madame Satã e a *socialite* Beki Klabin. Na conversa, sem muitas regras entre entrevistados e entrevistadores (que opinavam livremente), eram publicadas praticamente como saíam do gravador. O sucesso dessa fórmula ocorreu por acaso. Na pressa de fechar o primeiro número, publicou-se a entrevista de Ibrahim Sued sem revisão. Os leitores receberam a transcrição literal da conversa, com os tumultos, os gestos, tom das falas, etc.

Outra sensação eram as *Dicas*. Eram quatro páginas com caricaturas, cartuns e notas curtas (todas assinadas) que expressavam a opinião dos colaboradores dessa parte no tablóide. O que marca este espaço no jornal é a diversidade tanto de autores, era aberto a todos o colaboradores do jornal, quanto de assuntos, qualquer opinião sobre qualquer tema que cabia em uma nota curta poderia entrar nas *Dicas*.

Outra invenção do *Pasquim* eram as frases-lemas que sempre vinham na capa do jornal. Uma qualidade dessas frases é que elas também serviam de editorial do jornal. O *Pasquim* adotava como lema uma frase a cada edição, o que demonstrava com ironia, a impossibilidade de um veículo de imprensa, na época, se restringir em uma posição duradoura e clara.

Frase do número 59 – Um jornal que tem a coragem de não se definir

Frase do número 309 – *Pasquim* – Tentando enganar todo mundo o tempo inteiro

Frase do número 608 – Um folião no velório

Desse modo, inovando a linguagem e com uma equipe de grandes nomes do humor e da imprensa nacional, o *Pasquim* influenciou a grande imprensa brasileira.

3. A influência do *Pasquim* na imprensa brasileira

O “*Pasquim*” foi uma grande referência de jornalismo nas décadas de 1970 e 1980 é que até hoje, mesmo que raramente, influencia a grande imprensa. Esse tablóide mudou a imprensa nacional na medida que a partir de suas páginas foram introduzidas, no vocabulário popular, palavras até então nunca utilizadas. Modas e modismos também foram criados pelo *Pasquim*.

A grande imprensa daquela época era muito formal e não permitia o uso de linguagem cotidiana. Era uma imprensa com pretensões aristocráticas. O jornalismo estava precisando de mudanças e coisas novas, já que a ditadura havia se instalado e a imprensa não ia contra o governo. Segundo Claudius em documentário produzido pela TV Câmara, um dos fundadores do *Pasquim*, “a grande imprensa estava precisando de uma sacudidela”. E o surgimento desse jornal com características inovadoras foi o que sacudiu a imprensa e a transformou.

A falta de copidescagem (transformar um texto coloquial em linguagem jornalística) foi o grande diferencial do jornal e um dos responsáveis pelo seu sucesso. Naquele tempo era difícil ver na grande imprensa uma entrevista simples e sem retoques. O *Pasquim* trouxe um frescor aos textos jornalísticos.

Depois do tablóide, a imprensa aprendeu a ser mais relaxada na hora de elaborar um texto, fazer uma entrevista, e até mesmo na diagramação. Para o cartunista Angeli em depoimento ao documentário da TV Câmara, “a imprensa inteira mudou muito depois do *Pasquim*”.

O uso da linguagem coloquial surgiu por acaso. Depois de feita a entrevista com o jornalista Ibrahim Sued para o primeiro número, Sérgio Cabral e Tarso de Castro

sumiram e só apareceram na hora de rodar o jornal. Assim, como não era jornalista, Jaguar transcreveu a entrevista do jeito que foi feita, na linguagem coloquial. Como não dava mais tempo para modificar, a entrevista saiu daquele jeito. E essa forma de publicar as entrevistas tornou-se uma marca registrada do *Pasquim*, que fez sucesso e foi copiada por outros jornais. Desse modo, segundo Jaguar, o *Pasquim* tirou o paletó e a gravata da linguagem.

A linguagem cotidiana seduzia, pois a escrita se aproximava do jeito que se falava. O palavrão passou a ser utilizado. A palavra "bicha", detestado pelo falso puritanismo da classe média carioca, pôde enfim ser publicada em letras de fôrma. Expressões como "inserido no contexto" viraram parte do vocabulário dos jornalistas que escreviam para o *Pasquim*. Gírias também passaram a ser utilizadas com freqüência. Expressões como (cacilda, tutaméia, putisgrila, baralho, puribela, cambuta de fedapata), junções (olhaqui, sacumé, cumé, preu, praquilo, prele), diminutivos com terminações em m (baixim, fradim, tadim) e simplificações (cê, no lugar de você) foram criadas e usadas pelo jornal, dando um tom mais popular a linguagem.

3.1 Trecho da entrevista de Leila Diniz para o Pasquim publicada no número 22 em novembro de 1966

O PASQUIM – *Você admite censura a uma obra de arte?*

Leila: Pô, Tarso: de jeito nenhum. Foi o que perguntei aos censores: que tipo de preparo tem uma pessoa que vai julgar e censurar uma obra de arte?

O PASQUIM – *Você deu pro seu analista?*

Leila: Não Ele era aquele Kleiniano, freudiano, sei lá, que ficava sentado lá, te esculhambo paca.

3.2 Trecho da entrevista de Raul Seixas para o *Pasquim* em novembro de 1973

O PASQUIM - Você pode falar nisso, já que tá na moda, todo mundo vendo disco voador de novo. Como é que foi isso?

RAUL - Foi depois do FIC, em que eu cantei o Let Me Sing.

O PASQUIM - Ano Passado.

RAUL - Cinco horas da tarde. Então eu vi. Enorme, rapaz, um negócio muito bonito. Inclusive os jornais levaram a coisa pro lado sensacionalista: O cara viu o disco voador. "O profeta do apocalipse". " Eu dei muita risada com isso. Mas não foi nada, foi um disco muito bonito.

O PASQUIM - Dá pra descrever o disco?

RAUL - Dá sim. Foi... era meio assim... prateado. Mas não dava pra ver nitidamente o prateado porque tinha uma aura alaranjada, bem forte, em volta. Mas enorme, entre onde eu estava e o horizonte. Ele tava lá parado, enorme. O Paulo veio correndo, eu não conhecia ele, mas ele disse: "Cê tá vendo o que eu tô vendo?" A gente aí sentou e o disco sumiu num ziguezague incrível.

O PASQUIM - Durou quanto tempo mais ou menos?

RAUL - Uns dez minutos.

O PASQUIM - Qual foi o efeito disso em vocês?

RAUL - Ouro de Tolo, que pintou aí. Essa música

O “Pasquim” também foi uma escola para jornalistas-humoristas, cartunistas, chargistas e desenhistas. Nele trabalhou grandes nomes do desenho, Jaguar, Millôr Fernandes, Ziraldo, Henfil. Também surgiram outros nomes do Cartum e do humor como Angeli, Laerte.

Chico Caruso, Hubert e Reinaldo, esses dois últimos fundaram o Planeta Diário que posteriormente transformou-se em Casseta e Planeta, foram alguns dos cartunistas influenciados pelo *Pasquim*.

Os desenhos do tablóide tratavam de tudo, costumes, problemas sociais, artes, temas populares, política, tudo passava pelo traço como pela letra. Os cartuns podiam aparecer em anúncios, isolados, completando uma página ao lado de um artigo, ou também juntos de modo a compor a página inteira. Para José Luiz Braga, as origens do desenho do *Pasquim* e as intenções de sátira levaram, em geral, a uma integração entre texto e suas imagens.

Segundo José Luiz Braga, “Encontramos também no *Pasquim* um humor essencialmente de texto, mas que encontra no desenho um elemento de ilustração enriquecedor, embora rigorosamente desnecessário para a compreensão humorística”. Um exemplo é a seção Gip-Gip de Ivan Lessa. O caráter secundário da imagem é notório pelo motivo de que dois autores criam separados o desenho e o texto, primeiro um, depois o outro. Mesmo sendo evidente esse caráter secundário, não fica afastada uma incorporação entre os dois elementos, dependendo do trabalho do desenhista. “O que se pode dizer é que de certa forma o traço concretiza o humor verbal”. Conta José Luiz Braga

Em variadas formas, o desenho aparece em todo o jornal, preenchendo espaços importantes e não se limitando a páginas determinadas.

Para José Luiz Braga “os conceitos de humor empregados no desenho pasquiniano referem-se principalmente à vinculação do humor com o social, à

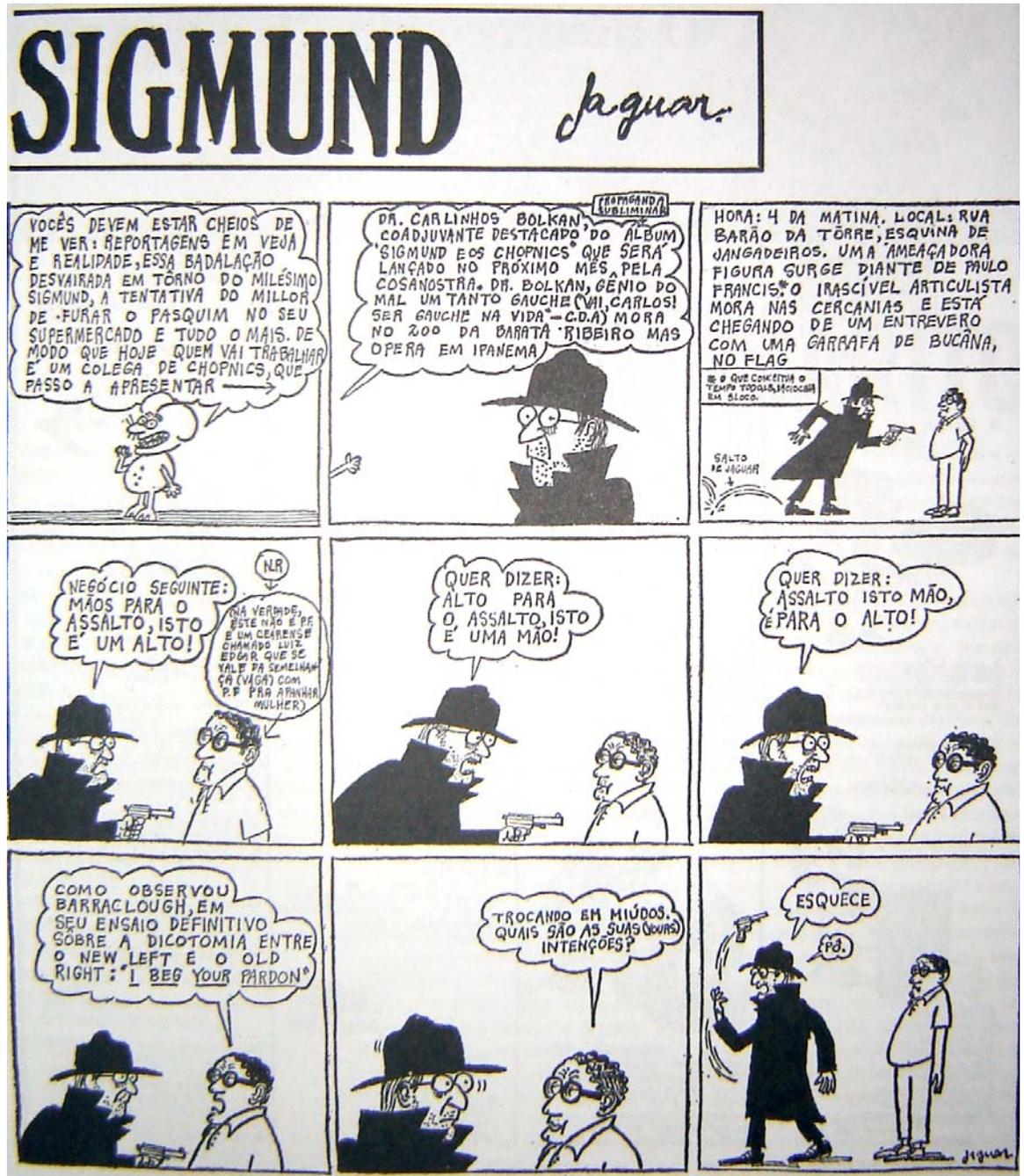
preferência por um humor de situação, à dedicação a um trabalho concomitante de traço e texto, ao uso do humor como instrumento de reflexão crítica”.

Instigados pelo sucesso do tablóide ou pela abertura de espaço jornalístico no jornal, surgiram desenhistas que eram influenciados pelos colaboradores do *Pasquim*. A seção Abre-Alas do jornal exerceu um efeito estimulador publicando trabalhos de quem estava dando os primeiros passos na profissão. Alguns desses iniciantes, depois se transformaram em colaboradores regulares.

3.3 Cartuns do *Pasquim*



2. Fradinhos, desenhado por Henfil. Edição número 19, novembro 1969



3. Sigmund, Jaguar. Edição número 30, janeiro de 1970

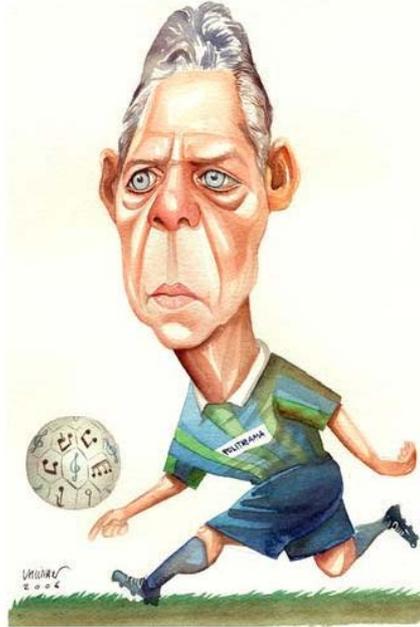
4. A atual situação do humor

Para Joaquim da Fonseca, a palavra humor provavelmente se originou nos termos da medicina que designa humor qualquer fluido do corpo humano, como o humor vítreo do globo ocular ou o humor aquoso. Segundo Joaquim da Fonseca.

Na medicina medieval, os quatro humores do corpo humano eram o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra. Supunha-se que uma pessoa era saudÁvel quando os quatro humores estavam combinados em harmonia no seu corpo. DaÍ o bom humor, ou seja, estar em perfeita harmonia consigo mesmo e com os outros (FONSECA, 1999, p. 22).

A essência do humor, porém, tem se revelado pouco conclusiva. Joaquim da Fonseca afirma que Aristóteles definiu o humor como “alguma coisa cômica que contenha algum defeito ou fealdade que não seja dolorosa ou destrutiva”. Já Emmanuel Kant observava o riso como “a afeição que desperta da súbita transformação de uma exagerada expectativa que resulta em nada”. Ainda segundo Joaquim da Fonseca, Goethe usava a expressão “humor” simplesmente como estado de ânimo. Sigmund Freud explica que o prazer do humor depende de uma libertação de tendências reprimidas no comportamento humano. Para Freud “o humor é um meio de conseguir prazer apesar dos sentimentos dolorosos que a ele se opõem e aparece em substituição aos mesmos”. Ainda segundo Freud, o humor é uma forma de libertação. “É uma alegria triunfante e representa a vitória do princípio do prazer”.

As principais formas de humor gráfico são a caricatura, a charge e o Cartum. Caricatura é o desenho de uma pessoa conhecida. E nela utiliza-se o exagero em determinadas características físicas da pessoa.



4. Caricatura de Chico Buarque – Carlinhos Muller

A charge relata um acontecimento ocorrido em uma época definida, dentro de um determinado contexto econômico, social e cultural específico e que depende do conhecimento desses fatores para ser entendida. Fora desse contexto ela provavelmente perderá sua força de comunicação, logo é perecível. Exatamente por conta desta característica, a charge tem um papel importante como registro histórico.



5. Charge da morte do deputado Enéas Carneiro – Amarildo – 08/05/2007

Já o cartum, ao contrário da charge, narra um fato universal que independe do contexto específico de uma época ou cultura, portanto atemporal. Temas universais como o amante, a guerra, o naufrago, o palhaço, o bem X mau, são constantemente explorados em cartuns. São assuntos que podem ser entendidos em qualquer parte do mundo por diferentes culturas em diferentes épocas.



6. O assalto ao bandido – Cartum de André Abreu

Atualmente o humor gráfico (charges, cartuns, caricaturas) está mais presente na vida das pessoas do que em outras épocas. Em entrevista, o jornalista e cartunista Amaro Júnior, que trabalha como infografista no jornal *Correio Braziliense*, afirma que com o advento da Internet ficou mais fácil as pessoas visualizarem o trabalho dos desenhistas. “Hoje você vê charges de quase todos os jornais na Internet e até pode divulgar mandando para seus amigos via e-mail. Conseqüentemente atinge um número maior de pessoas”.

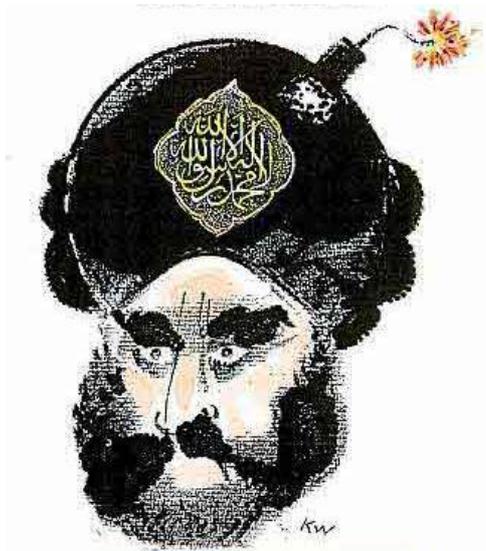
No momento da ditadura militar, os desenhos eram voltados principalmente para o combate ao regime. Hoje eles retratam os assuntos do momento, que estão na mídia e sua principal finalidade é a de divertir. Para o cartunista Klaus, formado em desenho de publicidade e que cria desde 2000 humor em quadrinhos para o site www.mundinhos.com onde publica seus 15 núcleos de personagens e é também colaborador do site www.mixbrasil.uol.com.br e em publicações como a revista *Bent* do Reino Unido, a *RG* do Canadá e *Weird Sisters* dos EUA, o humor não perdeu espaço, ao contrário, até ganhou, só que em outras mídias. “Todos os grandes jornais e revistas ainda ilustram matérias com charges, caricaturas e cartuns, mas com os recursos tecnológicos, a criação de humor está cada vez acessível a um número maior de artistas que criam e publicam o que querem e na hora que quiserem através da Internet”.

Não há como comparar o humor do *Pasquim* e da imprensa da época da ditadura com o que é feito agora, pois o país vivia um momento diferente na política, economia e na cultura. Os desenhos humorísticos de hoje estão mais livres. Não estão presos à ditadura nem a uma visão política de esquerda, pelo contrário, a esquerda hoje é alvo do humor tanto quanto à direita. “O mundo está cada vez mais globalizado; as pessoas estão cada vez mais loucas. Pode-se e deve-se falar sobre tudo e existem cartunistas o suficiente para fazê-lo”, comenta Klaus.

No entanto, é nos momentos de crise que manifestações como as charges repercutem. Segundo Klaus, há espaço para jornais críticos nos moldes do *Pasquim*, porém deve haver uma roupagem nova. “Coisas para denunciar e injustiças para se lutar contra existem aos montes por aí, mas está faltando uma pegada totalmente nova, com linguagem moderna e estar pronto para absorver os temas das novas gerações que são completamente diferentes das gerações dos anos 70-80”.

O mundo sempre fica de olho no que os cartunistas estão fazendo. Um exemplo disso é o que aconteceu recentemente no episódio do profeta Maomé, em que foi

publicado um cartum no jornal dinamarquês *Jyllands Posten*, em setembro de 2005, que mostrava Maomé com um turbante no formato de bomba-relógio. Isso causou revolta no povo mulçumano. Esse cartum teve repercussão no mundo todo. Isso mostra o poder e o cuidado que se deve ter ao publicar um desenho.



7. Charge do profeta Maomé

O humor gráfico não está em extinção, pelo contrário, está em ascensão. As novas mídias digitais estão contribuindo para o crescimento da produção de humor na imprensa. Até as redes de televisões, hoje em dia, utilizam-se do humor em seus programas. “O cartum não está vinculado só a circunstâncias políticas mas sobretudo ao comportamento. Por isso, enquanto houver gente sobre a terra, sempre haverá o cartum, a caricatura, o desenho de humor, a piada. Os salões de humor estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo comprovando que existe publico para ele” afirma Klaus.

Em entrevista a *Folha de São Paulo* em 13 de março de 2007 o desenhista e fundador do *Pasquim*, Jaguar, afirmou que o humor está muito certinho, “a maioria dos humoristas hoje é muito certinha. Criou-se um limite e, se a gente passa um pouco, leva

pito”. Porém com Internet esse censura aos desenhos está acabando. Já que quase todos e tudo pode-se publicar na Internet sem interferência de alguém.

Além de ser um meio de propagação do humor, a Internet também se tornou uma forma de fugir a censura empregada pelas grandes empresas de comunicação. Segundo Amaro Júnior, a forma de censura hoje é diferente da que era feita na época da ditadura militar. Atualmente a censura é feita economicamente. As empresas têm interesses comerciais, por tanto, pode-se negar a publicar alguma charge ou Cartum que ataque um de seus patrocinadores. Já com a Internet, não há censura. Pode-se publicar quase tudo, não comprometendo a empresa em que trabalha.

5. Conclusão

O *Pasquim* mudou a imprensa brasileira. Com esse jornal que foram introduzidas, no vocabulário nacional popular, palavras que não eram utilizadas no texto jornalístico. O *Pasquim* também criou modas e modismos. Esse tablóide foi uma grande referência de jornalismo e principalmente de humor nas décadas de 1970 e 1980. Depois desse semanário, os jornais aprenderam a ser mais leves na diagramação, na paginação, na hora de preparar um texto e fazer uma entrevista.

Atualmente, um jornal igual ao *Pasquim* não seria viável, pois o país vive um momento diferente de quando o jornal foi lançado em 1969. Naquela época o Brasil estava sob a ditadura militar, eram tempos de muita repressão na sociedade, na imprensa, na cultura e na política. Era uma época diferente do que vivemos agora tanto na política, na economia e na cultura. No entanto seria possível um jornal com os mesmos ideais de ruptura com a tradicionalidade da sociedade brasileira, porém, esse jornal teria que vir com uma roupagem nova, diferente de como era feito o *Pasquim*.

O humor não desapareceu do cenário nacional e internacional. Pelo contrário, o humor está mais presente. Com o advento da Internet ficou mais fácil tanto visualizar o humor, quanto divulgá-lo. Quem nunca recebeu uma charge, um cartum ou um desenho por e-mail? O humor gráfico não está sumindo da imprensa, as novas mídias digitais estão ajudando no crescimento do número de pessoas que vêm os trabalhos dos desenhistas. Essas mídias estão contribuindo para o crescimento da produção de humor na imprensa. Até as redes de televisões, hoje em dia, utilizam-se do humor em seus programas.

Na Internet, praticamente todas as pessoas podem produzir conteúdo, não precisam estar trabalhando em um jornal ou revista. Isso aumenta a produção humorística, a visibilidade, a leitura dos conteúdos de humor e também contribui para o surgimento de novos cartunistas.

A Internet tem outra vantagem que é o de o jornalista-humorista não poder ser censurado por seus desenhos. Em algumas empresas de comunicação o cartunista pode sofrer censura por estar desenhando sobre um dos patrocinadores da empresa, na Internet isso não acontece, porque o cartunista pode publicar por conta própria sem nenhum vínculo com alguma empresa jornalística.

Referências

BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 1991

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa**: jornalismo de oposição e inovação. São Paulo. Editora Ática. 1995

COLOMBO, Sylvia. Entrevista Jaguar. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 13 de março. 2007. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1303200707.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2007

DIAS, Ângela Marias, Pasquim-1980/1991: as vicissitudes de um nanico na década da comunicação mega-empresarial. Artigo publicado na **Revista Comunicação & política**. Ed. Cebela, volume VII, nº3, nova série, set-dez 2000, p.159-196

DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. 4ª. Ed. Amp. E atual., com um apêndice sobre a questão do diploma. São Paulo. 1986

Documentário **O Pasquim**: A Subversão do Humor. Produzido pela TV Câmara.

FONSECA, Joaquim. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre. Artes e ofício editora. 1999.

JAGUAR; AUGUSTO Sérgio (org.) **O Pasquim**: *antologia – 1969-1971*. Rio de Janeiro. Editora Desiderata. 2006

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo. 2003

MORAES, Denis de. **Site**. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/denis3.htm>. Acesso em: 15 de abr. 2007